

---

## Motivar para Aprender – O que fazer?

**Helena Oliveira,**

**Paula Costa**

Agrupamento de Escolas Finisterra - Febres

Pós-graduada em Educação Especial,

Agrupamento de Escolas da Carapinheira

Mestre em Ciências de Educação

### **Palavras-chave**

linguagem, comunicação; motivação; prática pedagógica

Ao longo do nosso percurso profissional, trabalhamos frequentemente com crianças que possuem um fraco desenvolvimento linguístico, condicionando desde logo o desejo e a motivação para aprenderem, revelando dificuldades de aprendizagem sobretudo na área da Língua Materna, repercutindo-se em todas as outras áreas.

Daí a nossa opção em trazer este tema para a nossa comunicação que não pretende, de forma alguma, tratar da temática de uma forma exaustiva, dada a amplitude da mesma, mas apenas expor algumas noções e identificar algumas situações observáveis na sala de aula, visto que um bom domínio da linguagem oral é um factor de primordial importância para o desenvolvimento integral da criança e para a iniciação à leitura e à escrita.

A questão central é “Como é que as crianças aprendem a falar?” Para aprender a falar, a criança necessita de ouvir os outros a fazê-lo, a ser ouvida, a ter oportunidades para imitar sons e palavras num ambiente estimulante, com reacções ajustadas às suas respostas que reforcem a necessidade de comunicar. Daí que a comunicação verbal se realize através da linguagem.

Os adultos não falam à criança da mesma forma que falam entre si, fazem algumas modificações nos traços paralinguísticos sintácticos no discurso. Estas modificações têm por objectivo facilitar à criança a compreensão e o uso da linguagem, é aquilo a que chamamos o *maternalês*, que poderá ter como objectivo facilitar a comunicação e a expressão da criança ou uma componente afectiva que se relaciona com a transmissão de sentimentos de ternura com a criança, situação perfeitamente natural até à entrada

---

da criança no Pré-escolar, mas que se transforma num obstáculo ao desenvolvimento da expressão oral e escrita, quando este tipo de discurso é prolongado pelos adultos e as crianças já a frequentarem o 1º ciclo.

Desde o choro, à mestria linguística a criança tem de passar por todas as fases naturais (como o falar, a lalação e a holofrase) especialmente no seio da família.

Se à primeira tentativa, não intencional da criança (balbuciar, palrar) se suceder qualquer resposta do adulto ou se pelo contrário à comunicação do adulto, se seguir um palrar da criança, está iniciado o princípio da comunicação que despido de intenção, passou a ser intencional, por imitação.

Porém, muitas vezes a criança não precisa de imitar, pois cedo se apercebe implicitamente do funcionamento da língua, começando então a fazer generalizações, muitas vezes abusivas. Aparecem os erros porque na língua há excepções de que ainda não havia tomado consciência. À medida que vai exercitando essas generalizações vai tomando consciência dessas excepções e adquirindo, deste modo, a consciência linguística.

Comunicar para crescer, na língua materna, parece ser a finalidade prosseguida pelas crianças e os adultos que as rodeiam e é comunicando através da linguagem oral que estes agentes interagem.

À primeira vista a aquisição da linguagem parece ser um tema simples, dado que em cada minuto da nossa vida estamos a usar a linguagem: em casa com a família, com os amigos, na rua, no local de trabalho, frente a frente ou através de um meio de comunicação. Digamos que durante o tempo em que nos mantemos acordados, raro é o momento das nossas vidas em que a linguagem não é utilizada por nós e até mesmo durante o sono ela entra no mundo dos nossos sonhos.

A linguagem oral é uma capacidade especificamente humana, possível devido às características biológicas que possuímos, e a criança ao aprender a linguagem toma como referente a sua língua materna, isto é, a linguagem verbal materializa-se na produção dos sons que constituem essa língua e que lhes permitem comunicar entre si. Ora, todo este processo tem um percurso longo e complexo, entrando em jogo factores intrínsecos e extrínsecos à criança que interactuam das mais diversificadas formas desencadeando mecanismos que nem sempre serão fáceis de identificar e de compreender.

Apesar de não estar completamente esclarecido o grau de eficácia com que a linguagem é adquirida, sabe-se que as crianças de diferentes culturas parecem seguir o mesmo percurso global no desenvolvimento da linguagem. Ainda antes de nascer iniciam a aprendizagem dos sons da sua língua nativa e desde os primeiros meses distinguem-na de línguas estrangeiras, motivo pelo qual a linguagem seja muitas vezes vista como a *“janela do conhecimento humano”* e que haja um interesse crescente no

---

estudo do processo de apropriação da linguagem pela criança.

Muito antes de começar a falar, a criança está habilitada a usar o olhar, expressão facial e o gesto para comunicar com os outros. Tem também capacidade para discriminar precocemente os sons da fala. A aprendizagem do código linguístico baseia-se no conhecimento que vai adquirindo acerca dos objectos, acções, locais, propriedades, e afirma-se de acordo com a progressão do desenvolvimento psicomotor resultando da interacção complexa entre capacidades biológicas inatas e a estimulação ambiental.

É pelo recurso à linguagem que a criança vai estruturando o seu intelecto e a sua personalidade e, ao mesmo tempo, descobrindo as regras da própria linguagem. Esta fase de construção deverá ser vivenciada com experiências ricas em trocas comunicativas extensivas, sendo a família o lugar privilegiado para criar essa oportunidade, estando atentos às várias fases por que passa o seu desenvolvimento.

Os pais são os primeiros professores! Eles oferecem um excelente recurso verbal à criança. Há, em muitas famílias, a preocupação em articular com clareza, usar frases curtas e simples, um vocabulário novo e referenciar diferenças entre objectos que rodeiam o espaço da criança, fornecendo-lhe, assim, o *feed-back* verbal específico e imediato, proporcionando-lhe, num ambiente lúdico, motivação para diversas situações de aprendizagem linguística.

Não podemos perder de vista que é pela linguagem que a criança, mais tarde adulto, se irá integrar, ou não, numa sociedade competitiva em que a exigência de uma competência linguística é cada vez maior, pressupondo a necessidade de possuir um sistema de signos através dos quais se faça entender relacionando-os com os objectos que a cercam e que seja capaz de os utilizar correctamente em situações de comunicação quando pretende transmitir as suas mensagens.

Embora os resultados das investigações sejam contraditórios e haja bastantes excepções, a criança oriunda de famílias de nível sócio-cultural mais elevado, normalmente é encorajada a desenvolver uma linguagem mais elaborada, instrumento de descrição do mundo exterior e dos seus próprios sentimentos. Neste contexto familiar e social é-lhe fornecido um modelo elaborado, mais rico e variado que, cultivado desde a mais tenra idade servirá de suporte para a sua instrução, sendo o tipo de linguagem que mais tarde irá encontrar no meio escolar. Ao invés, a criança de um nível sócio-cultural mais baixo, que viva num meio com um universo menos estruturado e menos estimulante tem como modelo um código restrito, dispõe assim de uma linguagem essencialmente limitada à comunicação concreta imediata, um código que virá a mostrar-se desajustado para as exigências do contexto escolar, originando, por vezes, a desmotivação pela leitura e pela escrita. A diferenciação entre os dois códigos far-se-á notar através da maior ou menor expressão, complexidade e correcção sintáctica dos enunciados, usos das conjugações, adjectivos e dos advérbios (mais ou menos estereotipado dentro do código restrito, rico e variado dentro do código elaborado), isto é no nível de complexidade lógico – verbal.

Conhecendo como se exprimem as crianças, a linguagem que utilizam, os motivos e os factores que intervêm no seu modo de comunicar, o professor terá à sua disposição diversas estratégias para levar as crianças até ao sucesso linguístico. Quando nos deparamos com crianças que revelam dificuldades de linguagem interrogamo-nos sobre as suas causas, sintomas e manifestações. Se muitos desses problemas, por vezes, são passageiros e facilmente ultrapassáveis com estratégias adequadas, outros apresentam-se mais complicados e exigem o recurso a técnicos especializados.

Daí considerarmos que, à entrada do 1º ano de escolaridade, é absolutamente prioritário as crianças terem um bom domínio da linguagem oral, o sistema linguístico estar consolidado para uma motivação crescente para o aprender e o consequente desenvolvimento das competências específicas no domínio do modo oral (compreensão e expressão oral), do modo escrito (leitura e expressão escrita) e do conhecimento explícito da língua.

Sendo o Homem eminentemente social, temos o dever de elaborar formas de comunicação e de promover o domínio da Língua Materna, instrumento básico da nossa identidade nacional e cultural, com o intuito de motivar as crianças a aprender a gostar sobretudo de ler!

Numa altura em que todos nós, professores, nos sentimos cada vez mais desmotivados, pode parecer um pouco irónico, à priori, abordar este tema. Contudo, é exactamente por esse motivo que o considerámos oportuno.

Para motivar é preciso acreditar e, apesar das contrariedades do sistema, parece-nos verdade que, felizmente, a grande maioria dos professores, lá bem no fundo, ainda acredita que é possível ajudar crianças a aprender. É certo que é cada vez mais difícil motivarmos os nossos alunos, sendo certo também, que já não há muito mais a inventar relativamente à motivação na sala de aula. Mas como podemos definir Motivação?

Vamos pensar em Motivação, como um estado interior que estimula, dirige e mantém o comportamento, ou seja, centralizar esforços que nos permitam alcançar determinados objectivos.

Assim sendo, os impulsos, necessidades, incentivos, interesse, pressão social, valores, expectativas, entre outros factores, é que nos fazem sentir motivados para uma determinada acção. Dependendo dos factores em causa, estaremos diante de 2 tipos de motivação: intrínseca ou extrínseca.

Entenda-se por *motivação intrínseca* a tendência natural de procurar e vencer desafios, tendo por base os nossos próprios interesses e aptidões, que não carecem de recompensa, visto serem do foro pessoal de cada indivíduo, constituindo por si só um prazer.

A motivação extrínseca é o que nos leva a fazer algo com o intuito de sermos recompensados ou de não sermos prejudicados.

Se focalizarmos o nosso interesse apenas no comportamento, será difícil distinguir estes dois tipos de motivação, sendo a diferença, basicamente, o motivo que leva a pessoa a agir.

Quando falamos em educação, ambas as motivações são relevantes, pois ao estimular a curiosidade dos alunos estamos a potenciar a sua motivação intrínseca, porém não devemos menosprezar a importância da recompensa em determinados contextos, ou seja a motivação extrínseca.

O facto de um aluno querer aprender, não é por si só, razão suficiente para realizar com êxito uma actividade. A motivação do querer aprender reside na planificação, na consciência do que se quer e de como se quer aprender e ainda na procura de novas informações. Também o orgulho, a satisfação, o facto de não ter medo de falhar e ser capaz de interpretar eficazmente o *feed-back*, são factores relevantes de todo este processo. Obviamente, que não podemos esquecer a qualidade do esforço mental do aluno.

Posto isto, cabe então ao professor, promover a motivação para aprender, fazendo com que os alunos se envolvam nas actividades propostas, levando-os posteriormente a reflectir sobre as aprendizagens realizadas.

Por esse motivo, é importante reflectirmos um pouco acerca da nossa prática diária e centrarmos os nossos esforços na realização de tarefas aprazíveis, quer para o professor, quer para o aluno.

Podemos então concluir, que o gostar de aprender é um processo que se desenvolve ao longo da vida, que para além das potencialidades inatas a cada indivíduo, implica a ajuda de outras pessoas na criação das condições necessárias para que esse processo não pare. O que pressupõe a continuidade no estímulo do prazer de adquirir e vivenciar novas experiências ou aprendizagens, não esquecendo que cada criança tem um ritmo de aprendizagem próprio.

## Bibliografia

- Aimard, P. (1986). *A linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bernstein, D. K. & Tiegerman, E. (1985). *Language and communication disorders in children*. Columbus: Merrill Publishing.
- Bruner, J. (1988). *Accion pensamiento y language*. Madrid: Alianza.
- Chomsky, N. (1968). *Linguagem e pensamento*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Cró, M. L. (1990). *Actividades na educação pré-escolar e activação do desenvolvimento psicológico: contributo para a formação inicial e*
-

- contínua dos educadores e professores do ensino básico do 1º ciclo.*  
Tese de doutoramento em Psicologia da Educação. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura* (23 vols.) (1967). Lisboa: Verbo.
- Menyuk, P. (1975). *Aquisição e desenvolvimento da linguagem*. São Paulo: Pioneira.
- Ministério da Educação (1970). *Falar contigo*. Lisboa: M.E.- DGEB, Divisão Pré-Escolar.
- Piaget, J. (1977). *A linguagem e o pensamento da criança*. Lisboa: Moraes Editores.
- Richelle, M. (1976). *A aquisição da linguagem*. Lisboa: Sociocultur.
- Sequeira, J. & Sim-Sim, I. (1989). *Maturidade linguística e aprendizagem da leitura*. Braga: Universidade do Minho.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Vigotsky, J. L. (1987). *Pensamento e linguagem*. S. Paulo: Martins Fontes.